

Arteterapia:

Instrumentalização do Processo Psicoterapêutico e as contribuições de Nise da Silveira

Araidna Joana Ramos Nage¹

Fernanda Beatriz de Almeida Simonato²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é, a partir da perspectiva da Psicologia Analítica, abordar a importância da arteterapia no processo psicoterapêutico, com a finalidade de respaldar esse instrumento como estratégia de intervenção. Neste passo, compreende que expressões artísticas são utilizadas para fins terapêuticos de modo que contribuam para o acesso ao mundo inconsciente do sujeito, através dos símbolos apresentados nas produções. Isto, pois, considera que os símbolos do inconsciente pessoal e coletivo podem se manifestar através da arte. Portanto, para a compreensão desse processo, contextualiza o tema, definindo arteterapia. Em seguida, aborda a associação com o processo psicoterapêutico, considerando também sua relação com os complexos e os símbolos. Por fim, retrata Nise da Silveira e suas contribuições no campo da saúde mental por meio da arte. Partindo desta premissa, os meios artísticos contribuem de maneira positiva para a saúde e restauração do equilíbrio psíquico dos sujeitos. Dessa forma, é de suma importância compreender como esse instrumento se configura para o trabalho interventivo dos psicólogos. A metodologia utilizada neste escrito, segue a pesquisa bibliográfica em livros e artigos de cunho científico que compartilham de uma abordagem simbólica e referência da psicologia analítica.

Palavras-chave: Arteterapia, Processo Psicoterapêutico, Complexos.

Art therapy: Instrument of the Psychotherapeutic Process and the contributions of Nise da Silveira

ABSTRACT: The objective of this work is, from the perspective of Analytical Psychology, to approach the relevance of art therapy in a psychotherapeutic process, with the aim of supporting this instrument as an intervention strategy. The understanding that the artistic expressions are used for therapeutic purposes in such a way that they contribute to the access to the unconscious

¹ Acadêmica do curso de Psicologia - Unipar. E-mail: a.nage@edu.unipar.br

² Acadêmica do curso de Psicologia - Unipar. E-mail: fernanda.simonato@edu.unipar.br

world of the subject, through the symbols presented in the productions. This one considers that the symbols of the personal and collective unconscious can be expressed through art. Therefore, to understand the process, contextualize the theme, defining art therapy. Later, approaches the association as a psychotherapeutic process, considering also its relationship with complexes and symbols. Finally, it portrays Nise da Silveira and her contributions in the field of mental health through art. Based on this premise, the artistic media positively contribute to the health and restoration of the psychic balance of the subjects. Therefore, it is extremely important to understand how this instrument is configured for the interventionist work of psychologists. The methodology used in this paper follows a bibliographical investigation in books and scientific articles that share a symbolic approach and reference to analytical psychology.

Keywords: Art therapy, Psychotherapeutic Process, complexes.

Arte terapia: Instrumentalización del Proceso Psicoterapéutico y las contribuciones de Nise da Silveira

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es, desde la perspectiva de la Psicología Analítica, abordar la importancia del arte terapia en un proceso psicoterapéutico, con el fin de sostener este instrumento como estrategia de intervención. En este paso, entiende que las expresiones artísticas son utilizadas con fines terapéuticos de tal forma que contribuyen al acceso al mundo inconsciente del sujeto, a través de dos símbolos presentados en las producciones. Esta, entonces, considera que los símbolos del inconsciente personal y colectivo pueden manifestarse a través del arte. Por lo tanto, para comprender el proceso, contextualiza el tema, definiendo arte terapia. Luego, aborda la asociación como proceso psicoterapéutico, considerando también su relación con complejos y símbolos. Finalmente, retrata a Nise da Silveira y sus contribuciones en el campo de la salud mental a través del arte. Partiendo de esta premisa, los medios artísticos contribuyen positivamente a la salud y restauración del equilibrio psíquico de dos sujetos. Por lo tanto, es de suma importancia comprender cómo se configura este instrumento para el trabajo intervencionista de psicólogos. La metodología utilizada en este escrito sigue una investigación bibliográfica en libros y artículos científicos que comparten un enfoque simbólico y de referencia a la psicología analítica.

Palabras clave: Arte terapia, Proceso Psicoterapéutico, Complejos.

Introdução

O presente artigo propõe apresentar a compreensão sobre a Arteterapia como instrumento dentro do processo psicoterapêutico a partir da perspectiva da Psicologia Analítica. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica em livros, revistas e artigos de cunho científico que amparam-se nessa abordagem e demonstram a efetividade da arte no trabalho realizado por profissionais da Psicologia.

A temática deste escrito foi definida ao refletir que a arte vem ganhando espaço na prática e corresponde à uma forma dos indivíduos se expressarem. Por meio dela, acontece a revelação do inconsciente através de uma linguagem simbólica que permite que essa seja uma via de acesso ao âmago da alma humana.

Tendo em vista essa possibilidade de trabalhar com conteúdo interno, surge a arteterapia, que é o uso da arte como tratamento psicoterápico. Carl Gustav Jung (1875-1961) foi um dos primeiros a introduzir essa ferramenta como dispositivo para análise nos consultórios, por acreditar que o anseio criativo cresce dentro do sujeito como algo instintivo (Reis, 2014). Em suma, a arte tem como objetivo oportunizar ao indivíduo a percepção dos significados atribuídos à sua vida de uma maneira menos dolorosa, e propicia a busca do equilíbrio psíquico, visto que a estimulação afetiva que acontece é autocurativa.

Sob a ótica da Psicologia Analítica, nota-se que a arte possui uma relação profunda com os complexos que, com alta carga energética, proporcionam a movimentação da psique humana e podem ser retratados nas produções artísticas indicando conteúdos inconscientes ainda não manifestados pelo autor da obra. Nesse sentido, é possível identificar e analisar no trabalho produzido o afeto e a sensibilidade relacionados ao valor simbólico (Jung, 2011). Desse modo, compreender os conteúdos simbólicos é extremamente significativo, já que é através deles que a psique se manifesta e contempla o que está oculto, apresentando inúmeras significações.

Indubitavelmente, a arte possui efeito terapêutico e, no que tange à saúde mental, considera-se importante atividades que auxiliam no tratamento dos usuários. No Brasil, Nise da Silveira foi uma grande representante da arteterapia nas intervenções aos pacientes com transtornos mentais. Desenvolveu seus trabalhos no hospital psiquiátrico de Engenho de Dentro, Rio de Janeiro, e foi a primeira brasileira a utilizar esse instrumento como técnica, empenhando-se para que fosse reconhecida como uma opção autocurativa. A partir das obras produzidas por seus pacientes, ela percebeu que por trás de cada sujeito, havia uma história.

Em síntese, entende-se que a arte utilizada terapêuticamente no processo de tratamento, é benéfica ao sujeito pois produz não só condições de exploração de seu interior, mas, relaxamento e mecanismos de acesso a uma experiência transformadora imediata com relação aos seus conteúdos subjetivos.

Diante disso, estes escritos visam desenvolver a explicação sobre arteterapia e, em seguida, explorar a importância desta dentro do processo psicoterapêutico através da sua relação com os complexos e os símbolos. Assim sendo, este artigo vem para ampliar a compreensão dessa técnica como instrumento terapêutico com enfoque na psicologia analítica, além de verificar o crescimento constante na utilização dessa ferramenta por profissionais da Psicologia. Para exemplificar tais colocações, aborda de forma breve as contribuições de Nise da Silveira nesse campo de estudo.

Arteterapia

Há muito tempo a arte está presente na vida e na realidade humana. Constitui-se como um meio de comunicação não-verbal que, através das expressões artísticas, abarca possibilidades de manifestações subjetivas e revelações de sentimentos.

Sabe-se, que ela vem se consolidando como uma importante ferramenta utilizada por Psicólogos. A utilização de meios artísticos como instrumento terapêutico, surgiu no final do século XIX chamando a atenção de alguns médicos psiquiatras que sinalizavam determinadas patologias através das produções artísticas das pessoas em sofrimento psíquico. Essa prática pode ser realizada por pinturas, desenhos, colagens, poesia, teatro, movimento e dança, e também, dispõe de materiais de livre escolha como: papéis, giz pastel, tintas diversas, aquarela, argila, entre outros que auxiliam no desenvolvimento das atividades artísticas (Nastari, 2007).

Neste campo surge a arteterapia, demonstrando por meio de estudos o percurso do sentido da busca de saúde e restauração do equilíbrio do sujeito (Nastari, 2007). A configuração representada pela arte é multifacetada pela subjetividade humana, sendo capaz de ser capturada pelos traços expressos no esboço artístico, o que faculta ao indivíduo uma liberdade de expressão por vezes reprimida em outros campos da vivência humana (Nastari, 2007).

De acordo com Philippini (2013), a arteterapia, que é o foco principal deste artigo, pode ser entendida como uma prática desenvolvida por uma metodologia e uma base teórica donde se objetiva chegar ao conhecimento sobre os conteúdos do sujeito. Caracteriza-se pela utilização

de várias materialidades, desenvolvendo possibilidades e estratégias que configuram abordagens de atuação marcadas pela criatividade e autenticidade do autor/artista. Para Diniz (2018), esse dispositivo aponta para processos que auxiliam na criatividade frente aos desafios.

Dessa forma, é um recurso que propicia ao profissional empregar atividades e técnicas que auxiliam no processo psicoterapêutico, possibilitando ao cliente se manifestar de maneira criativa e compreender seus conflitos internos.

Também, de acordo com Ciornai (2004), a arte como recurso é utilizada desde a antiguidade, dado que, os seres humanos naquele período retratavam o mundo subjetivo através das produções artísticas. Entretanto, no século XX e com a crise da modernidade, a Arteterapia instaura como objeto de conhecimento e atuação no processo psicoterapêutico.

Diante disso, Sigmund Freud e Carl Gustav Jung foram primordiais para o desenvolvimento dessa prática como atuação no campo profissional. Acrescentaram às suas teorias a importância do processo criativo como meio de acesso privilegiado, constituindo, desta forma, um instrumento alternativo para o trabalho do psicólogo (Reis, 2014).

Na Psicanálise Freudiana, a arte era considerada uma manifestação do inconsciente que transmitia significados através das imagens. Por sua vez, Carl Gustav Jung foi quem iniciou com a linguagem artística nos consultórios, utilizando da criatividade no processo de análise. De acordo com historiadores da Psicologia Analítica, solicitava a seus pacientes expressividade por meio de desenhos ou pinturas que pudessem traduzir sentimentos, emoções, sonhos, conflitos, entre outros (Hannah, 2003; Silveira, 2008). Para ele, a obra de arte era uma realização criativa que representava uma simbolização do inconsciente pessoal e coletivo, conforme as vivências de cada cliente, e essa, possuía relação direta com a cura (Reis, 2014).

Aqui, é possível perceber a realidade simbólica na arte e a associação com a vida da pessoa. Dentro da perspectiva da Psicologia Analítica, qualquer objeto possui valor simbólico, contemplando inúmeras possibilidades de dizer o que não pode ser compreendido de outra maneira (Jung, 2016).

Ademais, de acordo com Diniz (2018) a arte é uma linguagem que possibilita a escuta da alma, o não-dito, assim como, Jung (2011), afirma que encontramos sujeitos que expressam seus conteúdos internos através de manifestações concretas. Dessa maneira, no trabalho com a arteterapia, o inconsciente se expressa concretamente através de uma linguagem simbólica, possibilitando acesso ao conteúdo do indivíduo.

A arteterapia e o processo psicoterapêutico

A partir do exposto, a arteterapia se configura como uma ferramenta que atua na assistência aos cuidados da saúde mental, auxiliando o profissional a verificar e validar temáticas dentro do processo psicoterapêutico. Isto é, coloca em evidência os conteúdos do indivíduo de modo que aconteça uma liberação da energia psíquica, possibilitando a apreciação subjetiva do cliente, o desenvolvimento da autonomia através da expressão artística e da função catártica, que permite aflorar sentimentos e emoções (Valladares, 2009).

As práticas arteterapêuticas, na maioria das vezes, possuem cunho fundamentado na Psicologia Analítica. Desse modo, na perspectiva Junguiana, a arte expressa o que está presente na capacidade de imaginar e criar do indivíduo. Pereira e Firmino (2010), afirmam que a imaginação é representada por símbolos que retratam estruturas psíquicas internas do inconsciente. Sendo assim, é importante que o sujeito dê forma ao que não se traduz em palavras, expressando e transformando desejos, sentimentos, pensamentos, construindo então, imagens carregadas de energia (Reis, 2014).

A relação da psicologia analítica com a arte está basicamente fundamentada, segundo Jung (2011), em seu livro *O espírito na arte e na ciência*. Para o autor, essa técnica apresenta-se como tentativa de expressar conteúdos que não se manifestam de forma verbal. A psicologia que aqui se propõe fazer uso da criação artística, deve contentar-se com o fato de não ser possível atingir a essência profunda da obra em si, e sim trabalhar com percurso e finalidade do processo, a exemplo de um processo alquímico, pois a arte e sua criação vão além da materialidade e avançam pela essência do sujeito.

Além disso, Nagem (2013) aponta alguns caminhos utilizados no processo de mudança na construção e reconstrução através das atividades plásticas. A ação da transformação, vem do ato contínuo das vivências com as experimentações realizadas. Essa, se configura no processo entre a psique e a forma material em que se constrói, assim, o aprendizado permite contato com um novo momento. Isso ocorre porque o conteúdo até então inconsciente, tem a oportunidade de ser registrado na obra e ser recriado em seu caminhar.

Desse modo, a psicologia analítica não se reduz a arbitrariedades óbvias. Entende que cada indivíduo expressa, além de suas condições psicopatológicas, pressupostos históricos, causais, complexos de fundo sexuais, obscenidades, intenções criminosas e influências biológicas, que em sua profunda essência traduz a condição da alma (Jung, 2011).

Através disso, para tornar claro qual a finalidade do conteúdo trabalhado na psicoterapia, Jung (1998), diz que a transformação é uma das etapas de qualquer tratamento analítico da alma. Constitui-se pela necessidade despercebida do conteúdo inconsciente em se exteriorizar, e da psique em se manifestar de alguma forma. Nesse processo, é possível ver o resultado dos conteúdos trabalhados e sua relação com o aparelho psíquico.

Outrossim, as memórias e os conteúdos são estimulados de várias formas, permitindo ao arteterapeuta o proveito das técnicas artísticas - pintura, desenho, teatro, dança, entre outros - possibilitando ao sujeito que se expresse e, paralelo a isso, interaja verbalmente. No ambiente terapêutico, Nastari (2008) conceitua que “conteúdo e forma se interpõem e ambos são importantes no processo criativo” (p.20).

Em suma, a arte dentro de um processo livre, oferece um ambiente acolhedor, facilitando a expressão da subjetividade dos participantes, proporcionando o alívio de angústias, medo, tensões, entre outros. Em virtude disso, contribui de maneira positiva na diminuição de danos emocionais gerados por patologias, pois, de acordo com Philippini (2005), permite que o sujeito dentro do espaço terapêutico, entre em contato com seus conteúdos de uma forma lúdica. Com isso, a arteterapia resulta numa possibilidade de construção do processo de individuação, em que o criador, mediante a conexão com seus conteúdos internos, reflete e elabora uma nova perspectiva, melhorando seu desenvolvimento interno e externo. Dessa forma, exerce uma função curativa.

Portanto, considera-se que a Arteterapia na teoria analítica, oferece materiais necessários para que a energia psíquica constitua símbolos nas criações artísticas, transformando a psique. Este processo auxilia na compreensão e resolução de estados afetivos conflituosos, e propicia a expansão da personalidade por meio da arte (Philippini, 1995). Através desta ferramenta, é possível observar todo o trajeto utilizado pelo sujeito em seu caminho de transformação e, a partir do resultado artístico esculpido, o psicoterapeuta consegue verificar complexos atuantes de tonalidade afetiva que influenciaram a obra produzida.

Toda história viva do indivíduo afeta constantemente a psique, ativando complexos que Jung (2011) definia como influentes e que sobressaem de alguma forma. Esta ação dos complexos resulta em uma expressão psicológica acompanhada de inervações corporais e que o sujeito precisa dar a atenção para sua evasão em forma de arte.

A arte e os complexos

Na psicologia analítica, a psique humana é constituída por níveis conscientes e inconscientes. Sendo assim, a consciência é inerente a todo ser humano, e agrupa pensamentos, sentimentos, conteúdos e manifestações que se relacionam entre si. Por sua vez, o inconsciente existe a priori ao nascimento do sujeito, é um campo imenso, dinâmico, e, de acordo com Diniz (2018) pertence a fatores instintivos que contribuem com a potencialidade do sujeito e influenciam diretamente em seus processos criativos.

Nesta proposta Junguiana, encontra-se o inconsciente pessoal ou psique subjetiva e inconsciente coletivo ou psique objetiva. Em respectiva ordem, o inconsciente pessoal é composto em grande parte por complexos e possui relação com os conteúdos adquiridos a partir das vivências do sujeito que foram reprimidos ou esquecidos da consciência. O inconsciente coletivo, é a camada mais profunda da psique e constitui conteúdos herdados da humanidade, formado por instintos e arquétipos (Diniz, 2018). Dentro destas formações, localiza-se os complexos, conteúdos carregados de energia que vão influenciar a vida do sujeito.

Destarte, na psicologia analítica, os complexos são conteúdos dotados de energia que propiciam a movimentação da psique do sujeito, promovendo seu desenvolvimento psíquico (Diniz, 2018). De acordo com Jung (2011), estes podem ser vistos como feito inédito da alma do artista. Se manifestam de maneira muitas vezes inconsciente e desenvolvem-se canalizando energia para o consciente. Em conjunto, as emoções se relacionam em processos criativos e podem se apresentar através da produção artística de forma involuntária. Neste sentido, colocam em evidência conteúdos existentes ainda não manifestados ou compreendidos pela psique subjetiva. É nesta perspectiva que identifica-se o valor simbólico da arte produzida, resultando para psicologia o conteúdo passível de análise (Jung,2011).

Portanto, a relação entre a arte e os complexos se dá pelas análises que informam sobre as criações artísticas. Para Jung (2011), o sentido da criação é auxiliar na liberação das estreitezas, ou seja, das dificuldades insuperáveis, daquilo que é pessoal e intrínseco. Dessa maneira, este conteúdo para psicologia analítica, despoja-se totalmente do saber médico e guia-se pela essência do sujeito, acreditando que as características na forma de criação se dão justamente pelas condições do processo em si, livre de condições prévias e utilizando de disposições pessoais que configuram o que se pretende ser. Além disso, de acordo com a teoria em questão, não é possível que todos os casos tenham uma explicação única e idêntica, pois,

uma obra de arte é como um jogo de palavras paradoxais e necessitam de condições psíquicas relativas às condições de vida humana exercidas naturalmente pelo artista (Jung, 2011).

Ademais, devido a diversidade de significados que representa uma obra artística, encontra-se expressões com valores autênticos e simbólicos. Desses, alguns ainda são desconhecidos do processo consciente do próprio autor. Assim, torna-se essencial traçar uma linha de compreensão para o que ainda é invisível, permitindo perceber a sensibilidade e os afetos relacionados aos conteúdos simbólicos. Entretanto, apesar dos símbolos contribuírem para a contemplação da possibilidade significativa, trata-se de algo que não possibilita a exatidão do conteúdo. Por ser simbólico, apresenta um caminho, um sentido pessoal, que pode ser visto como uma aproximação do conteúdo a ser alcançado. Sendo assim, Jung (2011) ressalta que não é esperado da psicologia uma explicação da criatividade. Afinal, nenhuma expressão artística transpõe a totalidade do indivíduo. No entanto, como toda ciência, isso contribui para o aprofundamento de conhecimentos sobre esses fenômenos.

Relação da arte com o símbolo

Outrossim, os complexos se manifestam através dos símbolos e, por isso, podem ser observados na arte. Jung (2000) interpreta-os como: “termo que melhor traduz um fato complexo e ainda não foi claramente apreendido pela consciência” (p. 09). Ainda, nas palavras de Diniz (2018, p. 29):

O símbolo traz para a consciência que o contempla o sentido oculto de uma situação concreta, possibilitando inúmeras percepções até então desconhecidas, alcançando dimensões que o racional não pode atingir. Por isso mesmo, apresenta diferentes facetas, com inúmeros significados, que vão muito além da sua representação imediata. Portanto, compreende-se que realizam a conexão entre consciente e inconsciente, integrando a relação desses opostos para que seja possível formar uma totalidade. Por meio das criações produzidas pelos sujeitos, é possível localizar a função simbólica através da expressividade e dos significados que possuem o fazer artístico. Sendo assim, a arte se constitui como um meio de acessar o universo representativo do indivíduo, pois possibilita a movimentação de energia. Consequentemente, para a psicologia analítica, as imagens expressas constituem uma expressão do conteúdo do sujeito e, quando tomam forma, são transformadas em energia a serem assimiladas pela consciência (Capucho, 2020).

Partindo dessa premissa, a arte possui efeito terapêutico, pois, permite que o indivíduo expresse seus estados internos e, a partir das imagens produzidas, interaja com o inconsciente

e com os conteúdos menos visíveis. Por consequência, não só acontece a tomada de consciência destes, como também, possibilita que o sujeito transforme e reorganize suas atitudes de acordo com suas necessidades. Sendo assim, a arteterapia promove o contato com os conteúdos antes despercebidos, proporcionando novas integrações para a “reparação” das estruturas, a fim de promover a reorganização psíquica e ampliação da consciência (Capucho, 2020). Essa perspectiva, corresponde à capacidade inata da psique em organizar seus conteúdos de forma compensatória, um processo auto curativo, como é percebido por alguns autores. Dessa maneira, o ato criativo potencializaria este processo (Silveira, 2015).

Nesse sentido, percebe-se que o símbolo promove a transformação da energia psíquica contida nos complexos. Conforme descrito anteriormente, essa relação promove o equilíbrio psíquico a partir da canalização de energia, conectando consciente e inconsciente (Jung, 2011).

Sendo assim, fica evidente que a arteterapia é marcada por imagens simbólicas que expressam vários estágios da psique, possibilitando a aproximação dos conteúdos inconscientes para uma possível compreensão e transformação dos conteúdos.

Considerando essas afinidades entre arte, complexos e transformação psíquica, observa-se no decorrer do tempo várias atividades que contribuem para o tratamento e auxílio do autoconhecimento. Talvez por isso, cada vez mais vê-se a ampliação de práticas que consideram a arteterapia como ferramenta necessária ao se pensar em saúde mental. Neste sentido, no Brasil, em específico, a Dr^a Nise da Silveira (1905-1999) aparece como representante desse movimento junto aos pacientes com transtorno mental. Tal ação ainda é exemplo até os dias de hoje.

Nise da Silveira: um exemplo a ser seguido

Como dito anteriormente, esse instrumento terapêutico ganha visibilidade teórica através dos trabalhos de Nise da Silveira (1966), grande representante da psiquiatria Brasileira e precursora fundamental da arteterapia. Esta autora desenvolveu seus trabalhos no hospital psiquiátrico a partir de 1946, em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Silveira (1966), defendia uma práxis humanista que, naquela época, contrapunha os métodos médicos violentos e coercitivos vigentes no tratamento à loucura - lobotomia, eletrochoque, entre outros. Com isso, Nise da Silveira engajou-se em dar sentido a novas formas para as intervenções em doenças psiquiátricas (Capucho, 2020).

Logo, a partir da sua ocupação na Seção de Terapêutica Ocupacional do hospital psiquiátrico, desfez-se de algumas atividades anteriormente exercidas pelos internos - serviços braçais e limpeza - desenvolvendo um ateliê que tinha como base de trabalho atividades artísticas. Neste processo, cria-se uma forma de trabalho no qual se explorava a criatividade dos sujeitos conduzindo-os a criações livres como pinturas, moldagens, marcenaria, leituras e outras atividades que pudessem contribuir com o desenvolvimento do quadro do sujeito. Estas atividades tinham como objetivo compreender o que se passava com aquelas pessoas e colaborar para a transformação do ambiente hospitalar em um local mais agradável. Sendo assim, Silveira (1966) se esforçou para que esse método alternativo fosse reconhecido como uma opção na cura dos pacientes, favorecendo o afeto e o conforto frente ao que acontecia nos manicômios (Capucho, 2020).

Concomitante a isso, Nise da Silveira foi a primeira terapeuta brasileira a utilizar a criação artística como técnica. Melo (2009), coloca em seu artigo que o que ocorria nos ateliês demonstrava que as pessoas ali internadas ainda possuíam em si a capacidade de criar e de expressar seus conteúdos. Esta abordagem também era reconhecida por clarificar que os sujeitos que ali se encontravam conseguiam desenvolver o que Silveira (2015) aponta como autocura, uma relação entre a capacidade de ajudar-se e auxiliar o outro a se ajudar. Essa iniciativa gerou inúmeras obras de arte, comprovando sua qualidade teórica, terapêutica e técnica.

Baseada na teoria de Carl Gustav Jung, Silveira (2015) compreendeu que as atividades produzidas revelavam vivências e traumas dos sujeitos. Sendo assim, ela buscava uma forma de associar o que era produzido com a trajetória dos indivíduos. A partir disso, constatou que essa era uma maneira de acessar o mundo interno dos pacientes, que na maioria das vezes, eram diagnosticados como esquizofrênicos. Conforme Mendes (2017, p 64):

A médica psiquiatra percebeu que, por trás de cada paciente, havia uma história humana que justificava sua tormenta mental e que, por serem autodidatas, retratavam com naturalidade o inconsciente. Pelas séries de imagens produzidas, ela podia verificar a dinâmica do mundo interno e as transformações emocionais que aconteciam no inconsciente, acompanhando a evolução clínica de cada caso.

Diante disso, de acordo com Reis (2014), para Nise da Silveira a arte tem como função a expressividade de vivências não verbalizadas que são encontradas no inconsciente. Além

disso, considerava a arte um grande instrumento, capaz de dar forma aos tumultos internos e promover a reorganização psíquica.

Posteriormente, em 1952, com as obras produzidas por seus pacientes, fundou-se dentro do mesmo complexo psiquiátrico, o Museu de Imagens do Inconsciente. Este logo se tornou um espaço de pesquisa e prática sobre sujeitos com transtorno mental. O objetivo ali era valorizar as atividades terapêuticas que iam além da medicação e da internação. Neste novo espaço criado como Terapêutica Ocupacional, por meio da arteterapia, proporcionava uma ação criativa do sujeito sobre si e sobre o meio. Nestas ações, as obras produzidas também passaram a ser reconhecidas por várias pessoas e, nessa oportunidade, alguns dos verdadeiros artistas também tiveram contato com o mundo exterior.

Por conseguinte, a eficácia da arteterapia como tratamento ocorreu com a diminuição de reinternações de pacientes. Sobretudo, com aqueles que estavam em acompanhamento no novo espaço que se criou. Posto isso, pode se dizer que adquiriu-se um novo olhar sobre a arte e a loucura.

Através desse olhar é importante frisar que Nise da Silveira tornou-se um dos pilares fundamentais da arteterapia, o que contribuiu de forma significativa em relação aos tratamentos de pacientes com distúrbios psíquicos. Também, pelas lutas promovidas, ela se apresenta como marco para a Reforma Psiquiátrica no Brasil, por apresentar novas intervenções na área da psiquiatria (Macedo, 2021).

A partir de seus conhecimentos inicia-se uma nova abordagem sobre a arte na relação com a psicologia, uma relação em que o fazer não se torna apenas uma ação isolada, mas uma ação transformadora. O que pode abstrair-se dessa prática encontra seus fundamentos na atividade básica do humano, a expressão sem palavras, o desenho, a arte em sua forma mais primitiva. Com isso, o trabalho de Silveira (2015) ofereceu e oferece a abertura necessária para abordar campos ocultos da mente humana, de forma consciente e inconsciente.

Considerações finais

Diante do estudo apresentado, percebe-se que é possível utilizar práticas complementares e criativas no campo da saúde mental. Estas complementaridades auxiliam em propostas interventivas que proporcionam outros caminhos para a expressão de conteúdos

psíquicos. Desse modo, compreende-se que a arte vem sendo utilizada por profissionais da psicologia como recursos que se consolidam como ferramentas terapêuticas.

Nesse ínterim, a arteterapia apresenta diversas formas do sujeito se expressar de forma criativa e coloca em evidência conteúdos que não eram percebidos pelo sujeito. Através dessa dinâmica, ocorre a possibilidade de compreensão de conflitos internos, revelação de sentimentos e, conseqüentemente, um equilíbrio psíquico. Neste passo, as análises das expressões artísticas foram desenvolvidas em consultórios por Carl Gustav Jung (1875-1961), afirmando que a arte é uma manifestação do inconsciente que transmite diversos significados através das imagens.

Dessa maneira, na perspectiva Junguiana, o trabalho com a arteterapia proporciona a expressividade de conteúdo do inconsciente pessoal e coletivo por meio da linguagem simbólica, contribuindo com a tradução de conteúdos inacessíveis. Sendo assim, a psicologia analítica oferece nas criações artísticas a canalização e modificação da energia psíquica. O que permite ao sujeito visualizar concretamente sua transformação através das imagens representadas. Essa compreensão também encontra respaldo nos trabalhos de Silveira (2015), pioneira em vários sentidos, mas, sobretudo, na utilização da arte como forma de tratamento de transtornos mentais.

Em suma, de forma livre, a arte contribui de maneira curativa permitindo ao sujeito adentrar seus conteúdos internos e manifestar sua subjetividade. Desse modo, possibilita a revelação de sentimentos e contempla a vida em várias possibilidades. Com isso, a expressividade amplia a consciência e promove maneiras de refletir, compreender e elaborar novas perspectivas que contribuem para sua transformação pessoal.

Verifica-se, assim, o quanto este campo é rico e merece um olhar diferenciado pela psicologia. A leveza e contato com tais conteúdos também proporcionou às autoras deste uma viagem por vias de aprendizado, trabalho e criação.

Referências bibliográficas

Capucho, M. G. (2020). *Arteterapia: a arte como recurso terapêutico para a expressão de conteúdos inconscientes*. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, Brasil.

- Ciornai, S. (2004). *Percursos em Arteterapia: Arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia e supervisão em Arteterapia*. (2ª ed.). São Paulo: Summus.
- Diniz, L. (2018). *Arte linguagem da alma: Arteterapia e Psicologia Junguiana*. Rio de Janeiro: Wak.
- Hannah, B. (2003). *Jung, vida e obra: uma memória biográfica*. Porto Alegre: Artmed.
- Jung, C. G. (2000). *A Natureza da Psique*. (5ª ed.). Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1960).
- Jung, C. G. (1998). *A prática da psicoterapia*. (6ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1954).
- Jung, C. G. (2011). *O espírito na arte e na ciência*. (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1941).
- Jung, C. G. (2016). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Harper Collins. (Trabalho original publicado em 1964).
- Jung, C. G. (2011). *Psicogênese das Doenças Mentais*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1960).
- Macedo, V. (2021) A importante contribuição da obra de Nise da Silveira para a Psicologia Analítica de Jung. *Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. v. 39-2, p. 29-42. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v39n2/04.pdf>
- Melo, W. (2009). Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. *Revista Mnemosine*, Vol.5, nº2, p. 30-52. Recuperado de <https://nepisufsj.files.wordpress.com/2016/04/173-182-1-pb.pdf>
- Mendes, V. P. (2017). O potencial autocurativo da psique. In: *Ocupação Nise da Silveira*. (62-74). São Paulo: Itáu Cultural
- Nastari, L. C. (2007). *Artes da vida: Uma visão junguiana da arteterapia* (Trabalho de conclusão de curso). Centro Universitário de Brasília - UNICEUB, Brasília, DF, Brasil.
- Pereira, S. B. & Firmino, R. G. (2010). *Arteterapia na saúde mental: uma reflexão sobre este novo paradigma*. Minas Gerais: Pergamum Univale. Disponível em:
- Philippini, A. (2013). *Arteterapia: Métodos, Projetos e Processos*. (3ª ed.). Rio de Janeiro: Wak.
- Reis, A, C. (2014). Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34 (1), 142-157. Recuperado de 10.1590/S1414-98932014000100011

- Silveira, N. (1966). *Terapêutica Ocupacional*. Rio de Janeiro: Casa das Palmeiras.
- Silveira, N. (2008). *Jung: vida e obra*. São Paulo: Paz e terra.
- Silveira, N. (2015). *Imagens do Inconsciente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Valladares, A. C. A. (2009). *A Arteterapia humanizando os espaços de saúde*. (1ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.